

# “Caixa de Pandora”

por Ian Rodger  
do Financial Times

Um dos principais banqueiros japoneses declarou que poderá ocorrer um desastre caso o esquema para a redução da dívida externa do México sob o recém-anunciado Plano Brady não seja acertado e implementado com êxito nos próximos meses. Yoh Kurosawa, vice-presidente do Industrial Bank of Japão, declarou em Tóquio que a simples divulgação de um plano para o México, que inevitavelmente incluiria o perdão de parte do principal ou dos juros da dívida, abriria uma “caixa de Pandora”.

Kurosawa advertiu que essa situação significava um convite aberto a todos os países em desenvolvimento fortemente endividados a interromperem os pagamentos dos juros sobre seus débitos, enquanto não se definissem planos semelhantes para eles.

Se o plano mexicano não ser certo, os Estados Unidos sofrerão sérios embaraços, e a instabilidade política poderá intensificar-se nos países devedores. De outro lado, disse o banqueiro, caso o acordo sobre o México seja bem-sucedido, isso facilitará arranjos semelhantes nos segundo

e terceiro planos, provavelmente com a Venezuela e as Filipinas.

Kurosawa, que assumiu um dos principais papéis entre os banqueiros comerciais japoneses na negociação sobre a dívida do Terceiro Mundo, afirmou dar total apoio às propostas feitas pelo secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady, há três semanas. No entanto, o banqueiro manifestou sua preocupação quanto aos possíveis obstáculos à implementação do plano, especialmente a relutância de muitos bancos comerciais de pequeno porte de lançarem em perda parte de seus empréstimos. “O que acontecerá com o Plano Brady quando os bancos norte-americanos de pequeno porte começarem a pressionar seus representantes no Congresso?”, indagou.

O banqueiro admitiu que alguns bancos pequenos poderão enfrentar dificuldades financeiros caso sejam forçados a lançar em perda seus créditos ao Terceiro Mundo, mas salientou que não há nada que os outros bancos possam fazer a respeito. “A tarefa de manter os pequenos bancos em ordem ou ajudá-los compete ao FMI”, declarou.